

# COVID-19: as “multipandemias” e o universo da formação sacerdotal brasileira<sup>1</sup>

COVID -19:  
"multipandemics" and the universe of Brazilian  
priestly formation

*Douglas Alves Fontes  
Luciana de Almeida Campos*

## Resumo

Este artigo resulta de uma pesquisa quantitativa, realizada com pouco mais de dois mil seminaristas católicos, brasileiros, em maio de 2020, seguindo-se uma segunda fase de pesquisa, de cunho qualitativo. Foram realizadas treze entrevistas semiestruturadas, com seminaristas das cinco regiões brasileiras, integrantes dos últimos anos do discipulado e configuração. A partir de suas narrativas, algumas articulações com autores contemporâneos foram estabelecidas. O objetivo central do trabalho era compreender como a dinâmica formativa dos seminaristas católicos foi, e continua sendo impactada pela pandemia de COVID-19, que afetou, claramente, o processo formativo vivido em nossos Seminários. A pandemia fez com que formandos e formadores repensassem muitas das configurações atuais da formação presbiteral. A crise sanitária fez com que voltássemos à questão da real necessidade dos Seminários e como pensá-los, no século XXI, vivendo a orientação da Igreja, através da *Ratio*

<sup>1</sup> O presente artigo nasceu a partir de uma primeira pesquisa, que deu origem a um artigo, disponível em: CAMPOS, L., FONTES, D. A., A formação sacerdotal e a pandemia.

*Fundamentalis* e da Igreja no Brasil, pelo Documento 110 (Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil).

**Palavras-chave:** Formação. Pandemia. Seminário. Seminaristas.

## **Abstract**

This current article is the result of a quantitative research conducted with just over two thousand Brazilian catholic seminarians in May 2020. After this period, a second research phase was elaborated, of a quantitative nature. That one comprised thirteen interviews semi-structured with seminarians from the five Brazilian regions, members of the last years of discipleship and configuration. From their narratives, some articulation with contemporary authors were established. The central objective of this work was to understand how the formative dynamic of the catholic seminarians was and keeps being impacted by the COVID-19 pandemic. The pandemic has caused trainees and formators to rethink many of the current configurations of the priestly formation. The sanitary crises made us go back to the question of the real necessity of the seminaries and how to think them in the 21<sup>st</sup> century, living the Church's orientation through the *Ratio Fundamentalis* and the Church in Brazil, through the 110 Document (Guidelines for the Formation of Church Presbyters in Brazil).

**Keywords:** Formation. Pandemic. Seminar. Seminarians.

## **Introdução: a Covid e a formação sacerdotal**

Sem dúvida, os manuais de história registrarão que a humanidade enfrentou, a partir do segundo decênio do século XXI, um de seus maiores desafios, com o surgimento da COVID-19. O marco zero desta pandemia, segundo noticia a mídia, com base em dados do governo chinês, foi o primeiro caso diagnosticado, datado de novembro de 2019. No Brasil, uma pessoa que retornou da Itália teria trazido, no corpo, o vírus de alta transmissibilidade e com potencial de letalidade, em fevereiro de 2020. O fato é que todos os acontecimentos parecem ser divididos entre antes e depois da pandemia.

Cerca de um ano após a disseminação do vírus, em escala planetária, reconhecemos que a pandemia de COVID-19 desencadeou “multipandemias”: aumento do número de divórcios, aumento da depressão, ansiedade e outras doenças mentais, aumento da dependência tecnológica, além dos múltiplos desdobramentos oriundos da hiperconvivência.

Mas como a hiperconvivência poderia ocasionar prejuízos? Harari, no bestseller *Sapiens*,<sup>2</sup> defende que o triunfo da sobrevivência da espécie humana foi, além do desenvolvimento do córtex cerebral, atrelado ao equilíbrio deste em um corpo bípede, sua possibilidade de transitar do ser biológico para o ser social e histórico. Assim, se o homem é um ser social por natureza, de acordo com os ensinamentos de Aristóteles, confirmados pela Psicologia Social, conforme Del Prette e Del Prette<sup>3</sup> explicam, ao afirmar que as competências sociais são o alicerce da vida humana, plenamente realizada, como a hipersociabilidade pode ter sido tão danosa?

Um conceito caro à Psicologia é o da Distância pessoal. Matschnig<sup>4</sup> define como espaço seguro, para interação entre amigos íntimos, algo em torno de meio metro, o equivalente a um braço estendido, com punho fechado de distância entre duas pessoas. Para conhecidos em geral, algo em torno de 1 metro e vinte centímetros e para estranhos, o distanciamento seria a partir de 3 metros. Provavelmente, esta dinâmica de proximidade pessoal, aceita por décadas, já mudou neste período pós-pandemia, contudo existe uma dinâmica de proximidade emocional que antes não era mensurada. Pais que trabalham o dia inteiro, passavam poucas horas diárias com seus filhos, marido e mulher que conviviam em período restrito, tudo isso foi completamente, redimensionado, em geral, negativamente. É ambivalente que o excesso de contato entre pessoas próximas, da mesma família, tenha concomitantemente, aumentado ao lado do necessário distanciamento social.

As consequências deste momento histórico ocorreram nas múltiplas esferas sociais. De modo particular, neste artigo, destacamos o âmbito da vida presbiteral, de modo mais específico, a formação dos futuros sacerdotes. Um dos primeiros desafios, que a pandemia nos apresentou, foi: permanecer com os seminaristas no Seminário ou enviá-los para outro lugar? Este desafio, provavelmente, foi exigente para todos: formandos, formadores e familiares.

<sup>2</sup> HARARI, Y. N., *Sapiens*.

<sup>3</sup> DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z., *Psicologia das Habilidades Sociais*.

<sup>4</sup> MATSCHNIG, M., *O Corpo fala ilustrado*.

## 1. Pesquisando seminaristas católicos: aspectos positivos do momento

Em maio de 2020, aplicamos um questionário a mais de dois mil seminaristas diocesanos e religiosos, no território nacional. Na pesquisa, vimos que a maioria foi para a casa dos pais (62,2%), e um segundo grande grupo permaneceu nos Seminários (25,6%). O restante dividiu-se entre casas paroquiais, conventos, ou alternando casa e Seminário. Em consequência desta mudança, a formação dos futuros presbíteros sofreu impactos, como por exemplo: ensino remoto, ausência de socialização, crescimento dos contatos pelas redes sociais, possíveis conflitos familiares, lutos e a própria autorreflexão, aguçados pelo confinamento.

Em razão disto, após a aplicação dos questionários, realizamos treze entrevistas semiestruturadas, com seminaristas das cinco regiões do Brasil. Por motivos éticos, apenas a inicial, idade e região do país a que pertencem os entrevistados serão divulgadas. Os seminaristas em questão se voluntariaram para as entrevistas. As idades variam entre 21 e 30 anos, e eles se dividem em etapas formativas que compreendem os últimos anos de discipulado e a configuração.

Entre os rapazes que continuaram no Seminário, a narrativa da experiência foi positiva para alguns, que pontuaram ter a rotina ficado mais leve: “Desta nossa convivência, percebo que rendeu muito bem até agora. Intensificou-se a oração; ganhamos uma hora a mais de sono; respeitamos os horários de aula, mantendo a disciplina e o empenho”.<sup>5</sup>

Esta “leveza” de quem ficou ou retornou ao seminário em tempos pandêmicos, também nos foi revelada e a constatação nos fez, inclusive, repensar e modificar alguns pontos de nossa disciplina. Neste sentido, corrobora B.:

Posso dizer que foi um período muito interessante, para quem ficou recluso dentro do Seminário, pois tivemos que colocar nossos talentos à disposição da comunidade. Aqueles que sabiam cozinhar foram para a cozinha; além de cozinhar, ensinavam aqueles que não sabiam. Um que sabia cortar cabelo, assim cada um colocou em prática aquele dom que possuía. Na questão da convivência, foi um dos pontos mais trabalhados neste tempo, pois estaríamos realizando tarefas juntos e convivendo em algumas atividades juntos, e sabemos que nem todos, dentro de uma casa

<sup>5</sup> E., 26 anos, Configuração, Região Sul.

de formação, têm uma relação amigável com todos os irmãos. Mas o interessante foi que, neste tempo, os laços de amizade se fortaleceram, o grupo que ficou na casa acabou adquirindo uma amizade muito forte. Claro que existiam alguns conflitos, que eram coisas de momento.<sup>6</sup>

## 2. O retorno da vida em família

Os rapazes que optaram ou foram orientados a retornar ao convívio de suas famílias, relatam pontos positivos, como a convivência e a espiritualidade familiar:

Com relação à oração, conseguia rezar, fazia minhas orações pessoais, mas também rezamos bastante em família. Isso foi bastante positivo. Aos domingos, por exemplo, fazíamos em família a celebração dominical da Palavra.<sup>7</sup>

No entanto, os rapazes acostumados a uma rotina disciplinada, nos Seminários, nem sempre se perceberam confortáveis no seio familiar. Vários pontuaram dificuldades de conexão com a internet, dificultando as aulas remotas, excesso de trabalhos pedidos pelos docentes, mas especialmente a falta da privacidade e especialmente, a ausência do silêncio:

A maior dificuldade foi aprender a retornar a uma “casa de família”, pois, mesmo que seja a minha família, é uma rotina que já não sabia como viver, haja vista os 4 anos no Seminário, além de não encontrar o silêncio e a privacidade vividos em uma casa de formação. A vida espiritual foi colocada à prova, em virtude da ausência de um ambiente próprio para orações e a impossibilidade de acesso ao Sacramento da Eucaristia e da Santa Missa, o que também representou a centralidade das dificuldades. A impossibilidade de se cultivar a vida social trouxe muitos problemas, sobretudo em níveis psicológicos; a vida fraterna no Seminário é um grande auxílio na formação, pois criamos vínculos de amizades verdadeiras e podemos partilhar a vida com aqueles que estão vivenciando aspectos semelhantes aos nossos, além de que é difícil, para quem se prepara para o sacerdócio diocesano, estar tão privado da vida paroquial e do convívio com o povo de Deus. Particularmente, os estudos representaram

---

<sup>6</sup> B., 21 anos, Discipulado, Região Sul.

<sup>7</sup> M., 29 anos, Discipulado, Região Sudeste.



a menor dificuldade, pois consegui manter uma boa rotina; de qualquer forma, a experiência de aulas virtuais não foi bem-sucedida, visto que os professores também não estavam preparados para uma situação *como a que estamos vivendo*.<sup>8</sup>

Em 2007, o Documento de Aparecida<sup>9</sup> enfatizava que a Pastoral Vocacional tem seu início, mesmo que informal, no seio das famílias, células vitais da sociedade. Ao mesmo tempo em que vemos famílias pouco envolvidas no processo formativo dos “seus” seminaristas, vemos outras com uma participação sadia e frutuosa, e outras com um envolvimento, nem sempre tão salutar.

O Papa João Paulo II, na *Pastores Dabo Vobis*,<sup>10</sup> reconhecia a importância da família, na acolhida e formação das vocações. Por isso, ela é entendida como a primeira comunidade eclesial de formação dos vocacionados.<sup>11</sup> É fato que muitas das experiências familiares, vividas no seio da família, poderão influenciar demais na caminhada vocacional dos futuros presbíteros.

Em nossa casa não existe o mesmo silêncio como ou semelhante ao do Seminário, e, não podemos fazer da nossa casa um Seminário, sobretudo, no meu caso, em que existe criança morando (sobrinho de 7 anos) e outras ao lado, existe todo o barulho normal de crianças. A vida de oração sinto que foi muito comprometida, próprio do tempo foi a não participação dos sacramentos, particularmente, raras vezes tive contato com o meu pároco para a participação dos sacramentos, pois ele é do grupo de risco e se manteve muito restrito, o que é compreensível. Sendo assim, fui desafiado a manter a *lectio divina*, liturgia das horas, com muita dificuldade, e nestes quase quatro meses, diversas vezes fui muito infiel. Mais uma vez ressalto, que o barulho externo e interno familiar é um agravante, embora seja possível rezar.<sup>12</sup>

Os diversos desafios enfrentados pelos formandos também favoreceram algo tão importante, desafiador e necessário, ao mesmo tempo: um maior vínculo dos próprios formandos com suas respectivas famílias. Muitos acabam se afastando, por vários motivos. Apesar das dificuldades, a pandemia

<sup>8</sup> L., 27 anos, Discipulado, Região Centro-Oeste.

<sup>9</sup> DAp 314.

<sup>10</sup> PDV 41.

<sup>11</sup> CNBB, Doc. 110, 88.

<sup>12</sup> D., 28 anos, configuração, Região Nordeste.

contribuiu para que as famílias atuassem mais, mesmo que indiretamente, no processo formativo dos seminaristas. Por outro lado, acabou sendo exigida dos formandos, uma relação mais próxima com seu ambiente familiar, que não difere de tantos outros das famílias com as quais terão que trabalhar. Enfim, a experiência favoreceu para que compreendêssemos que o Seminário nunca esgotará o processo formativo! Ele é parte de um todo!

Em profunda obediência à Formação vim passar estes dias na casa do meu pai, porém não concordo com o tipo de decisão tomada. A família forma? Sim. O povo forma? Sim. Mas forma de modo secundário. Penso que a formação primária daqueles que se preparam para ser padres deve ser garantida, primariamente, no interior de um Seminário, com tudo aquilo que lhe faz: oração comum, projeto de vida comum, fraternidade, obediência aos superiores, sentido de pertença à casa, zelo e cuidado com prédio, a vida um do outro... e tantos outros elementos. Cada lar é um, e cada família traz consigo um modo de viver. Aliás, a vida deles continua normal, como sempre foi, precisando (re)adaptar-se a ela quem novamente chega. Em casa, seremos [e devemos sempre ser] tratados como filhos, precisando agir como tal. Lugar de seminarista viver para se formar é no Seminário. Enviá-lo pra casa, em vista da contenção de gastos ou simplesmente porque a faculdade “parou” é, a meu ver, um modo pobre e falho de ver e trabalhar a vocação que é, antes de tudo, de Deus.<sup>13</sup>

Retomando a *Amoris Laetitia*, a *Ratio Fundamentalis* relembra que “os laços familiares são fundamentais para fortificar a autoestima sadia dos seminaristas. Por isso, é importante que as famílias acompanhem todo o processo do Seminário e do sacerdócio, pois ajudam a revigorá-lo de forma realista”.<sup>14</sup>

## 2.1. As dificuldades e a ampliação da percepção

Ponto de reflexão constante entre formadores e profissionais atuantes nos seminários diocesanos é que os futuros sacerdotes são formados, por quase uma década, coletivamente, e depois, sofrem a solidão da vida em suas paróquias. Deste modo, mesmo apontando desafios da pandemia, alguns revelaram como foi positivo estar em contato com a autonomia e o autoconhecimento que o futuro padre precisará vivenciar:

<sup>13</sup> L., 28 anos, Configuração, Região Nordeste.

<sup>14</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, RFIS, 148.

Foi uma oportunidade também para compreender, efetivamente, a vida do presbítero, uma vez que tive mais autonomia sobre minha vida durante este período. No entanto, destaco como negativo o apartamento de minha parte da disciplina, conquistada no Seminário com relação aos estudos, a afetividade e a oração.<sup>15</sup>

O autoconhecimento também é muito favorecido, pois momentos de dificuldade revelam quem de fato somos e como costumamos sempre reagir a elas, mas sem nos dar conta. Por fim, com relação à vida acadêmica, foi extremamente positivo ter mais tempo para estudar, além de conseguir me dedicar a determinados assuntos que na rotina do Seminário não é possível; a menor quantidade de aulas – sobretudo quanto àquelas que não são bem preparadas pelos professores – representam um tempo maior de dedicação pessoal; penso que, quando se consegue construir uma boa disciplina em base acadêmica, o estudo pessoal pode ser mais frutuoso do que aulas e mais aulas.<sup>16</sup>

Em nossos questionários, verificamos que 14,5% dos seminaristas enfrentam um processo de luto, por perda de algum ente próximo e que, aproximadamente, 42% apresenta ou apresentou alguma alteração no humor pela adaptação a uma nova rotina, pelo medo de perder pessoas próximas ou pela interrupção do projeto de vida. Em nossa experiência, acompanhamos relatos de seminaristas com crises de ansiedade, depressão, luto, insônias e tantos outros males próprios da dimensão humana, contudo potencializados pelo momento:

Crise de ansiedade, penso que só uma vez, durante a madrugada. Como nunca tinha tido, considerei aquela sensação de aperto no peito, falta de ar, raciocínio acelerado, como uma crise. Mas me notei bem mais ansioso, no último mês, que no início da pandemia. Manejei sozinho. Não é uma tarefa fácil, por isso talvez ainda esteja vivendo momentos de ansiedade e de inquietude mental, dificuldade para concentração.<sup>17</sup>

Percebi que o nível de ansiedade aumentou, tristeza, medo, impaciência. Não tive auxílio psicológico nem psiquiátrico. Busquei manter a fidelidade

<sup>15</sup> S., 27 anos, Configuração, Região Sudeste.

<sup>16</sup> L., 27 anos, Discipulado, Região Centro-Oeste.

<sup>17</sup> A., 24 anos, Configuração, Região Norte.



na oração (reza do terço) bem como a prática de atividades físicas, e conversa com os amigos.<sup>18</sup>

Este tempo foi muito intenso, posso dizer, pois as emoções foram bem variadas. Posso afirmar que as mais presentes no dia a dia foram a angústia e o medo, pois estávamos e estamos enfrentando algo que não sabemos quando vai acabar, ou quem será afetado e, principalmente, o medo de perder um ente querido. Mas o Seminário é um local em que o que reina é a alegria, então mesmo com esses dois principais sentimentos à flor da pele, a alegria reinava muitas vezes em meu coração, a alegria de estar em convivência e me colocar a serviço para ajudar o outro.<sup>19</sup>

### 3. Questões acadêmicas do ensino presencial e remoto

No relato de L. transparece outro aspecto que também desafia os líderes das casas de formação: o preparo, nem sempre adequado das aulas, pelos professores, seja pela falta de uma boa didática, seja pela pouca intimidade com a disciplina que lecionam. De modo geral, os Seminários no Brasil, atravessam crise financeira e, por falta de recursos para manter especialistas em todas as áreas do conhecimento, requeridas pelo currículo muitas vezes, contam com professores voluntários ou contratados que, pela necessidade, muitas vezes ministram aulas de sua especialidade e de outras disciplinas que conhecem de modo mais tópico. Isso para não falar do fato de muitos professores serem padres, que possuem formação filosófica e teológica, mas nem sempre didática/pedagógica. Contudo, alguns rapazes consideraram positivo o ensino remoto, como alternativa para uma formação acadêmica mais consistente:

A experiência foi bastante proveitosa, não porque o meio virtual é melhor, mas porque ele revelou que no meio presencial os professores tendem a gastar tempo de forma improdutivo – como atrasos, brincadeiras, dispersão, comentários sobre assuntos diversos, etc. –, além de que os atrasos dos seminaristas e as conversas paralelas também prejudicam, o que gera sempre a necessidade de aumentar a carga horária das disciplinas. O ensino a distância, pelo menos pra mim, revelou que nem toda disciplina deveria possuir a carga horária que tem, algumas são totalmente dispensáveis, e

<sup>18</sup> L., 29 anos, Configuração, Região Norte.

<sup>19</sup> A., 21 anos, Discipulado, Região Sul.

que os professores conseguem fazer o mesmo que costumam, só que em menos tempo. Toda essa experiência foi positiva, em virtude do ensino ser mais objetivo, deixando mais tempo para o estudo pessoal.<sup>20</sup>

Esta contribuição de L. parece favorecer uma adequação de qualidade e custo, o que demandaria, dos centros formativos, redimensionamentos pedagógicos e, possivelmente, contratação de professores interinstitucionais, especialistas em suas referidas temáticas, conferindo qualidade a valores possíveis, com otimização de conteúdos. Sem falar na possibilidade do ensino híbrido, como tem sido falado nesse tempo.

#### 4. “Repensando” a vocação durante a pandemia

Outro ponto importante é que vimos, em nossos questionários, que um percentual significativo (67,2%) de rapazes “repensou” a vocação. Diante de um número tão expressivo, surgiu a necessidade de compreender melhor como se deram estas reflexões. Os rapazes que indicaram dúvida em prosseguir na vocação, ou questionaram sua fidelidade à mesma, apresentavam motivos diversos:

Sim. Repensei. A volta ao convívio da família e ao círculo de amigos influenciou-me muito nesta atitude. Efetivamente, acho que fiz a experiência de ser a pessoa que era antes do Seminário. Também na paróquia, tive maior proximidade de garotas bonitas e virtuosas, as quais despertaram em mim o desejo do matrimônio.<sup>21</sup>

Várias vezes tive que me perguntar se esse tempo extraordinário estava sendo bom ou ruim para a minha vocação. Mas o fato de ter tempo e ter um olhar distante do objeto, e, portanto, amplo, já é algo bom. Outras tantas vezes, me vi com saudade. Saudade não do Seminário, mas da vida que escolhi. Portanto, minha saudade não estava ligada a uma casa ou a pessoas, mas a um projeto de vida para que me senti e me sinto chamado, ainda hoje. Essa estrutura vigente me serviu para despertar um sentimento que me ajudou a ter uma convicção ainda maior. Mas houve, sim, vezes em que pensei em deixar o Seminário. Foram reflexões momentâneas, mas existiram. Elas aconteceram pelo fato de que eu senti minha vocação

<sup>20</sup> L., 27 anos, Discipulado, Região Centro-Oeste.

<sup>21</sup> S., 27 anos, Configuração, Região Sudeste.

sendo roubada, e isso acontecia devido a uma realidade em que me via totalmente impotente. Em tempos normais, por mais difícil que estivesse a vida no Seminário, a própria rotina me lembrava a Quem me consagrei. Era sobretudo na pastoral, que qualquer crise desaparecia, pois era lá que eu via os frutos da minha vocação. Quando isso me foi tirado, não me sentia mais seminarista, apenas um estudante. Para permanecer no Seminário, creio que em diversas circunstâncias o Espírito Santo me lembrou do que realmente valia a pena.<sup>22</sup>

Eu não diria que repensei a vocação, no sentido de ser ou não a vontade de Deus, mas no que diz respeito às circunstâncias, para que ela se cumprisse. Tenho 28 anos e, antes do Seminário, desde os 16 anos eu sempre trabalhei para ajudar nas despesas de casa. Meu pai é porteiro e minha mãe é funcionária do Governo do Estado. Aos 21 anos, deixei a faculdade e o trabalho, para entrar para o Seminário, porém, com medo de que o meu pai perdesse o emprego e eles viessem a passar dificuldade. Aos 28 anos, tive que voltar para casa, sem renda, e o lugar onde meu pai trabalha teve que parar de funcionar, por causa das restrições da pandemia. Atualmente, ele trabalha sem carteira assinada e ficou sem trabalhar e, conseqüentemente, sem receber durante a pandemia. Neste contexto, pensei que, se as coisas piorassem, teria que parar o seminário temporariamente, para ajudar em casa, pois vi a minha mãe bem preocupada com a nossa situação financeira. Me sentia mal em estar em casa, sendo “um peso” para os meus pais. Por isso, digo que questionei as circunstâncias da minha vocação e cogitei ter que segurar um tempo para resolver algum problema que surgisse neste sentido. Mas, meu pai se cadastrou no programa social do governo e, graças a Deus, consegui e pude ficar mais tranquilo quanto a isso.<sup>23</sup>

Essa chamada “crise vocacional”, por um lado, pode ser vista positivamente, de modo que ninguém pense que o seminarista já está com a vocação definida, ele está no processo de discernimento vocacional, ao longo de todo o tempo de formação inicial. Contudo, essa “crise”, dentro da pandemia, também pode revelar uma superficialidade no discernimento vocacional. A pandemia é uma crise dentre tantas outras que são enfrentadas, e que poderiam fortalecer o discernimento vocacional. Se não fortalecem, é porque o discernimento vocacional pode estar superficial e fundado em uma situação de comodismo.

<sup>22</sup> J., 22 anos, Discipulado, Região Norte.

<sup>23</sup> R., 28 anos, Configuração, Região Sudeste.

## 5. A internet: interferências na castidade e exibicionismo clerical

Além da realidade própria de estar longe do seminário, o acesso menos restrito às redes sociais, acabou por dificultar a castidade de grande parte dos entrevistados. Um deles disse que “A internet muitas vezes pode se tornar um ‘infernet’, e te levar ao caminho do pecado e das coisas erradas”.<sup>24</sup>

No Seminário possuímos uma rotina cheia e por vezes saturada de atividades, além de um pequeno período de ócio. Esse ócio, que poderia dar espaço para a masturbação, consigo entender que serve para recuperar as energias e não para gastá-las, inapropriadamente. As energias são, naturalmente, gastas no trabalho e no esporte. Acontece que em casa não possuo uma rotina pré-estabelecida, por isso fico com muito tempo vago; além de que a quarentena não me permite passear ou jogar futebol, que é o único esporte que gosto de praticar. Por isso, fico com muita energia acumulada, e a consequência é a pior. O segundo motivo é que (utilizando uma figura de linguagem) as paredes do Seminário cheiram a eclesialidade, e me lembram a todo instante que eu sou seminarista; e isso me deixa mais forte, para frear o assédio de algumas mulheres da pastoral, além de frear também meu próprio impulso, nessa direção. Em casa, nesse período, não é como se eu esquecesse que sou seminarista, isso não é possível. Mas o sentimento de que sou seminarista vai enfraquecendo, à medida que vou deixando de fazer coisas típicas de um seminarista. Por conta disso, o freio que continha um lado e o outro não está funcionando tanto como antes.<sup>25</sup>

Os rapazes pontuaram a necessidade da Direção Espiritual frequente, como ponto fundamental no incremento da fé e da fidelidade. Nesse campo, um dos desafios enfrentados foi manter a prática da direção de modo virtual. Com isso, duas dificuldades se apresentavam: a privacidade no mundo virtual e a adaptação dessa prática tão antiga, dentro do mundo virtual.

Então, sendo bastante sincero, passei por dificuldades e tive que enfrentar minhas fraquezas. Para isso, contei com a ajuda do meu diretor espiritual, de amigos do Seminário, com quem pude partilhar e trocar ideias, e fui encontrando modos de manter a castidade naquela nova realidade, evitando as ocasiões propícias nos dias em que estava mais tentado, seja

<sup>24</sup> B., 21 anos, Discipulado, Região Sul.

<sup>25</sup> J., 22 anos, Discipulado, Região Norte.



pela convivência com a minha família, com a oração, canalizando as minhas energias para os estudos ou evitando e deixando de lado por um tempo os meios virtuais.<sup>26</sup>

Um dos entrevistados evidenciou um ponto negativo das redes sociais, diferente da busca por pornografia e que devem vir a ser objeto de reflexão nas casas formativas:

Ao longo deste período de pandemia, não deixei de usar nenhuma de minhas redes sociais, nem tampouco criei outra rede ou aderi a alguma que não usava. O que pude perceber ao longo deste período de pandemia é que muitos religiosos (refiro-me a padres e seminaristas) vêm usando as redes sociais com certo exagero, o que se torna um exibicionismo clerical, por assim dizer. Procurei continuar usando minhas redes sociais e meios virtuais a partir de minha consciência.<sup>27</sup>

## 6. Direção Espiritual como alicerce vocacional

Retornando à questão da Direção Espiritual, os questionários indicaram que apenas 30,8% dos rapazes mantiveram este acompanhamento online, ao passo que 69,2% não conseguiram reestabelecer esta rotina. Este fato certamente impactou, no questionamento da vocação, nas dificuldades em manter a castidade e na própria relação com Deus:

Não tive direção espiritual neste tempo. Todos ficaram esperando um comunicado do seminário para orientar o semestre, mesmo estando em casa, mas não houve nenhuma comunicação oficial, se poderíamos continuar mantendo a direção, acompanhamento psicológico, absolutamente nada, fiquei meio passivo à situação, não tive direção.<sup>28</sup>

Nem sempre os rapazes que permaneceram nos Seminários tinham acesso aos seus diretores espirituais, uma vez que nem todos são acompanhados por um diretor espiritual residente:

Infelizmente, nosso diretor espiritual apareceu poucas vezes no Seminário, não nos ajudando nesta dimensão. Há um despreparo da sua parte, nada ou

<sup>26</sup> R., 28 anos, Configuração, Região Sudeste.

<sup>27</sup> M., 29 anos, Discipulado, Região Sudeste.

<sup>28</sup> D., 28 anos, configuração, Região Nordeste.

pouco contribuindo para nossa formação. Estamos com séria defasagem neste ponto, preocupando nosso itinerário formativo. Foram 3 atendimentos neste tempo, com duração de no máximo 25 minutos cada, não instigando nada ou pouco do projeto de vida, da vida espiritual, humano-afetiva e comunitária.<sup>29</sup>

### 6.1. A presença dos formadores na rotina dos seminaristas

Embora a Direção Espiritual tenha sido objeto de distanciamento para a maioria, o contato da formação foi constante para a maior parte dos rapazes (89%), seja para assuntos formativos ou informais. Contudo, na tese de Marmillcz este indica que nos Seminários brasileiros há pouca abertura para os formadores, ou os seminaristas os avaliam mal. Contudo, já podemos perceber, hoje, depois de quase vinte anos, uma evolução mais positiva nesse quesito.

De fato, saídos dos Seminários, muitos padres novos, que tinham dado uma excelente avaliação do processo formativo (...) começaram a se queixar de falhas da formação e a reconhecer suas próprias inconsistências. Os dados, porém, mostram que é necessário e que é possível aperfeiçoar o trabalho dos formadores e o ambiente dos Seminários. Por exemplo, a pesquisa revela que o formador que trabalha sozinho, se avalia, ele mesmo, como menos competente do que o formador que trabalha em equipe. Equipe dá mais segurança e (espera-se) mais eficácia ao trabalho educativo.<sup>30</sup>

Das quatro dimensões da formação sacerdotal: humana, espiritual, intelectual e pastoral, é justamente a dimensão humana a mais mal avaliada pelos seminaristas, conforme Marmillcz. Obviamente, a obra é pregressa à pandemia, mas os resultados do impacto emocional da mesma, nos futuros sacerdotes, reclamarão equipes formativas preparadas para responderem aos efeitos “multipandêmicos”. Não existe contexto de formação prévio para lidar com as novas demandas de nossos dias, o que obriga a todos os seres humanos, incluindo os formadores, a uma reinvenção. Um dos entrevistados enfatiza:

Assevero a importância do acompanhamento psicológico, não somente para formandos, mas sim para os formadores que estão à frente de nossas

<sup>29</sup> E., 26 anos, Configuração, Região Sul.

<sup>30</sup> MARMILLICZ, A., O ambiente educativo nos seminários maiores do Brasil, p. 2.

casas de formação e seminários. É necessário, ainda mais neste tempo bastante difícil, nos munirmos de elementos que fortaleçam o crescimento humano.<sup>31</sup>

## Conclusão

O saudoso sociólogo Zygmund Bauman, falecido em 2017, em diversas obras nos levou a refletir sobre a provisoriedade, vulnerabilidade e fluidez da vida moderna. Sua obra é tão atual, quanto surpreendente, parece revelar que tudo ainda pode ser modificado, numa velocidade surpreendentemente maior. Será que a realidade ainda pode ficar mais fluida, mais incontrolável, mais imprevisível? Talvez sim. E isto é, necessariamente, ruim? Talvez não, mas não é possível concluir de modo efetivo.

Penso que essa fase de lives, videoconferências e transmissões foi positiva, quanto ao lançar-se da Igreja nas redes, mas pode trazer consigo uma onda de acomodação que, a meu ver, só vai ser resolvida se nos comprometermos, como Igreja, a ir ao encontro das pessoas. Às vezes temos o costume de pressupor o que as pessoas vivem ou de deduzir, pela nossa observação, mas dialogar ainda é a forma mais eficaz de conhecer a profundidade daqueles a quem evangelizamos/formamos, clareando a imagem nublada pelas nossas impressões a priori. Me parece que, quando o Espírito Santo suscitava no coração do Papa Francisco, há sete anos atrás, esse convite a uma “Igreja em saída”, profeticamente, nos preparava para esse tempo em que teríamos que viver realmente essa saída, a redescoberta da evangelização através do encontro, que não se reduz apenas ao deslocamento físico, mas na atitude de chegar até o outro, compreendê-lo e levar até ele a luz do Evangelho.<sup>32</sup>

Se por um lado, o cenário é desafiador, por outro, observamos a (re) valorização da dimensão comunitária, do papel e lugar dos formadores, dos companheiros de formação, redução do ativismo e até mesmo um redimensionamento da fê: “Pude reparar que esse tempo de pandemia fez com que muitos de nós, seminaristas, retornássemos ao primeiro amor”.<sup>33</sup>

<sup>31</sup> E., 26 anos, Configuração, Região Sul.

<sup>32</sup> R., 28 anos, Configuração, Região Sudeste.

<sup>33</sup> B., 21 anos, Discipulado, Região Sul.

Ao mesmo tempo em que ouvimos que o Seminário é um “mal necessário”, a Pandemia nos fez perceber que o Seminário, apesar dos seus mais de 450 anos, permanece sendo um bem necessário na vida da Igreja. Quando, no dia 15 de julho de 1563, os bispos, reunidos no Concílio de Trento (1545-1563), aprovaram por unanimidade o decreto *Cum Adolescentium Aetas*, que recomendava a criação de seminários em cada diocese, ninguém poderia imaginar o que estaríamos vivendo no século XXI.

A Pandemia nos fez repensar muitas realidades e instituições, dentre elas, o Seminário. Este continua sendo um lugar privilegiado, para formar os discípulos de Cristo, de tal maneira que cheguem a ser configurados ao Mestre, para que possam se tornar sinais da Sua presença no meio do mundo. Para que essa obra aconteça, é preciso recriar essa bela e significativa instituição. O Seminário precisa se adaptar às diversas mudanças do século XXI, sem perder sua essência, para que possa continuar formando homens preparados, para que continuem dando razão da esperança (1Pd 3,15).

As dores também auxiliaram a redimensionar a empatia:

Partilho que foi um tempo muito difícil, porém, certamente nos fará mais firmes. Mergulhar ainda mais em nossa fraqueza humana, solidão profunda deste tempo, tenho a esperança de que nos fará sacerdotes mais maduros à realidade do povo. Está sendo uma realidade que todos estamos vivendo, estamos no mesmo barco, então, de alguma forma, estamos nos humanizando, nos tornando mais sensíveis e misericordiosos, características fundamentais para um sacerdote. Assim, acredito que Deus está nos formando, mesmo de uma maneira inimaginável por todos.<sup>34</sup>

Presenciar ou ao menos ser informado das dificuldades alheias – especialmente das pessoas mais próximas, Padres e seminaristas – foi uma espécie de cuidado divino, visando a profundidade no meu autoconhecimento e na busca pela conversão e por uma vida mais virtuosa. Vivenciar de forma constante o exercício de “chorar com os que choram” foi um grande auxílio formativo de Deus para vencer o egoísmo e para cultivar a virtude da generosidade.<sup>35</sup>

No cerne das “multipandemias”, reside aquilo que o Papa Francisco nos convida a exercer: o autêntico chamado de Cristo, o fim da

<sup>34</sup> A., 28 anos, configuração, Região Nordeste.

<sup>35</sup> L., 29 anos, Configuração, Região Norte.



autorreferencialidade!<sup>36</sup> Ao concluirmos este percurso que fizemos, podemos contemplar algumas luzes no meio desse túnel escuro.

A primeira é reconhecer que estamos em um tempo que pode contribuir, e muito, para nossa maturidade humana e de fé. Sobretudo, os formandos são convidados a fazer com que toda turbulência desse tempo favoreça o processo formativo em vista do futuro ministério sacerdotal. O Doc. 110 nos lembra que o cultivo da vida comunitária faz com que o formando alcance alguns objetivos, dentre eles, “definir-se como cristão adulto, purificando-se nas motivações e transformando a própria conduta, com vista a uma progressiva configuração a Cristo”.<sup>37</sup>

Para que essa maturidade seja alcançada, contemplamos a possibilidade de uma teia de relações mais sadias e livres. “Um satisfatório conhecimento das próprias fraquezas, sempre presentes em sua personalidade, tendo em vista a capacidade de autodeterminação e de uma vivência responsável”.<sup>38</sup> Contudo, isso só será possível se os formandos superarem a tentação de uma vida exibicionista, que tende ao exterior, à aparência e pouco ao interior.

Seguindo esse processo, outra luz que toda a sociedade está enxergando, ou deveria, é a nossa relação com nossas famílias. Para os formandos, o contato com suas respectivas famílias fez com que eles repensassem muitas questões e voltassem ao seu berço original. Este contato pode ter sido muito proveitoso, para que os formandos consigam “relacionar-se, com sinceridade, com a própria família, sem apegos e dependências, nem rejeições e descompromissos, e sem perder as raízes sociais e culturais”.<sup>39</sup>

O mundo virtual foi descoberto ou redescoberto por muitos. Para os consagrados, é sempre importante uma consciência clara sobre si mesmo e sua vocação, para que não se perca no mundo virtual. Uma postura equilibrada pedirá, a cada formando, uma presença evangélica nas redes sociais, e não uma presença, como mais um refém do mundo virtual, em detrimento do real. Da mesma forma, os formandos também são chamados a não se omitirem nesse novo campo de evangelização, que se descortina diante de nossos olhos. Por isso, é preciso “educar-se no uso adequado e responsável das novas tecnologias e dos meios modernos de comunicação e entretenimento”.<sup>40</sup>

<sup>36</sup> EG 8.

<sup>37</sup> CNBB, Doc. 110, 173.

<sup>38</sup> CNBB, Doc. 110, 190b.

<sup>39</sup> CNBB, Doc. 110, 190g.

<sup>40</sup> CNBB, Doc. 110, 190p.

O mundo em que estamos pede, cada vez mais, que o presbítero seja perito nas coisas humanas e divinas (Doc. 110, 288). A pandemia pediu um constante adaptar-se em inúmeros campos, dentre eles o campo dos estudos. Uma formação intelectual sólida e adequada, para que o futuro presbítero seja capaz de ser um formador de consciência, como pedia Aparecida. Esse novo ambiente mostrou aos formandos a necessidade de uma disciplina e um empenho, cada vez mais pessoal, para se dedicar com seriedade e profundamente aos estudos.<sup>41</sup>

Outra luz possível de ser contemplada nesse túnel em que fomos colocados pela Pandemia, foi a necessidade de uma vida espiritual sólida e estável. De uma forma ou de outra, todos sentimos as consequências de vivê-la ou não. Para os formandos, foi enfrentado o desafio de manter uma rotina de vida espiritual fora da rotina de vida do Seminário. Foi o teste para que cada um pudesse perceber até que ponto a vida do Seminário, com seus valores, tinha sido internalizada por cada um. Momentos de crise podem e devem se tornar momentos fortes de experiência da graça de Deus.<sup>42</sup>

Todo esse contexto de múltiplas pandemias nos fez confrontar com os grandes aréopagos, para os quais os futuros presbíteros serão enviados. Assim, esse tempo pode proporcionar, aos formandos, novo ardor, novos métodos e novas expressões.<sup>43</sup>

Por fim, podemos destacar que a pandemia nos fez lembrar que “a missão do Seminário é formar presbíteros capazes de dialogar com a realidade plural e atuar, pastoralmente, no meio do povo, valorizando os leigos e leigas em seus diversos carismas, serviços e ministérios”.<sup>44</sup> Só assim os formandos poderão conhecer bem a realidade, para assumi-la e transformá-la à luz do Evangelho.

Porque sois tão medrosos? Ainda não tendes fé? O início da fé é reconhecer-se necessitado de salvação. Não somos autossuficientes, sozinhos afundamos: precisamos do Senhor como os antigos navegadores, das estrelas. Convidemos Jesus a subir para o barco da nossa vida. Confiemos-Lhe os nossos medos, para que Ele os vença. Com Ele a bordo, experimentaremos – como os discípulos – que não há naufrágio. Porque

<sup>41</sup> CAMPOS, L.; FONTES, D. A., A Formação Sacerdotal e a Pandemia.

<sup>42</sup> CNBB, Doc. 110, 2.

<sup>43</sup> CNBB, Doc. 110, 229.

<sup>44</sup> CNBB, Doc. 110, 7.

esta é a força de Deus: fazer resultar em bem tudo o que nos acontece, mesmo as coisas ruins. Ele serena as nossas tempestades, porque, com Deus, a vida não morre jamais.<sup>45</sup>

Como padres, filhos e membros de um povo sacerdotal, temos que assumir a responsabilidade pelo futuro e projetá-lo como irmãos. Coloquemos nas mãos feridas do Senhor, como uma oferta sagrada, nossa própria fragilidade, a fragilidade de nosso povo, e de toda a humanidade. O Senhor é quem nos transforma, que nos trata como pão, leva a vida nas mãos d'Ele, nos abençoa, nos quebra e nos compartilha, e nos dá ao seu povo.<sup>46</sup>

## Referências bibliográficas

CAMPOS, L.; FONTES, D. A. **A Formação Sacerdotal e a Pandemia**. Disponível em: <<https://cnbbleste1.org.br/2020/06/10/a-formacao-sacerdotal-e-a-pandemia/>>. Acesso em: 23 fev. 2021.

CELAM. **Documento de Aparecida**. Brasília: Edições CNBB, 2010.

CNBB. **Diretrizes para a formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil**. Brasília: Edições CNBB, 2019. (Doc. 110).

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*. Brasília: Edições CNBB, 2016.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. **Psicologia das Habilidades Sociais: Diversidade Teórica e suas Implicações**. Petrópolis: Vozes, 2013.

FRANCISCO, PP. **Carta do Papa Francisco aos Sacerdotes da Diocese de Roma**. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2020/documents/papa-francesco\\_20200531\\_lettera-sacerdoti.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2020/documents/papa-francesco_20200531_lettera-sacerdoti.html)>. Acesso em: 23 fev. 2021.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual**. Brasília: Edições CNBB, 2013.

HARARI, Y. N. **Sapiens: Uma breve história da humanidade**. Porto Alegre: L & PM, 2015.

FRANCISCO, PP. **Homilia do Papa Francisco em 27 de março de 2020**. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-03/papa>>.

<sup>45</sup> FRANCISCO, PP., Homilia do Papa Francisco em 27 de março de 2020.

<sup>46</sup> FRANCISCO, PP., Carta do Papa Francisco aos sacerdotes da Diocese de Roma.



francisco-homilia-oracao-bencao-urbe-et-orbi-27-marco.html>. Acesso em: 23 fev. 2021.

JOÃO PAULO II, PP. **Exortação Apostólica pós-sinodal *Pastores Dabo Vobis* de sua Santidade João Paulo II ao episcopado ao clero e aos fiéis sobre a formação dos sacerdotes nas circunstâncias atuais**. São Paulo: Paulinas, 2016.

MARMILLICZ, A. **O ambiente educativo nos seminários maiores do Brasil: teoria e prática**. Curitiba: Vicentina, 2013.

MATSCHNIG, M. **O Corpo fala ilustrado: Gestos reveladores e sinais eficazes**. Petrópolis: Vozes, 2013.

MENEZES, T. **Zygmunt Bauman: pensamentos profundos num mundo líquido**. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/cultura/zygmunt-bauman-pensamentos-profundos-num-mundo-liquido/>>. Acesso em: 14 fev. 2021.

***Douglas Alves Fontes***

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro  
Docente no Curso de Teologia do Instituto de Filosofia e  
Teologia do Seminário São José  
Niterói / RJ – Brasil  
E-mail: douglasafontes@yahoo.com.br

***Luciana de Almeida Campos***

Doutora em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Docente no ISERJ/FAETEC  
Niterói / RJ – Brasil  
E-mail: lucianacampos360@gmail.com

Recebido em: 03/03/21

Aprovado em: 14/06/21

